

A decorative border with a repeating floral and vine pattern in shades of green and grey, framing the entire page.

Sérgio Pachá

O que é cultura e o declínio da
civilização ocidental.

PLÊIADE

Disco. Doceo. Diligo.

Texto:
Pedro Machado

Revisão:
Sérgio Pachá
Isadora Verde
Pedro Machado

Ilustrações e diagramação:
Fernando Henrique Junqueira

Todos os direitos reservados a Sérgio Pachá e Pedro Machado.

PREFÁCIO

A presente obra é a transcrição de uma conversa amigável que tive com o querido professor Sérgio Pachá, na manhã do dia 23 de maio de 2023, quando me recebeu gentilmente em sua casa.

Trata-se de uma entrevista casual e espontânea, com pouca ou nenhuma preparação, em que discutimos livremente sobre temas de interesse cultural, educacional, social, literário, histórico e outros, além dos relatos da vida pessoal do professor.

Este é o primeiro ensaio de um esforço maior pela disseminação da vasta erudição, sabedoria e experiência deste grande amigo e, por que não, avô de todos os amantes da literatura e intelectualidade genuinamente brasileiras.

Aproveitem,
Pedro Machado.

PARTE I

Eu não sei, Pachá... Acho que você pensa bastante sobre cultura, mas não sei você!

Sim. Penso sem pensar, compreende? Penso sem pensar; quer dizer, penso sem estar dizendo a mim mesmo "Bem, agora estou pensando sobre cultura".

Bem, Pachá, o plano que preparei foram estas perguntas aqui, as quais você pode ler à vontade:

I) O que é cultura?

II) Cultura ocidental e civilização ocidental são duas coisas diferentes ou uma só coisa?

III) O Brasil tem alguma falta de cultura?

IV) O ensino formal brasileiro facilita ou dificulta o acesso à cultura?

V) A cultura ocidental está em declínio? Se sim, por quê?

VI) O declínio da cultura ocidental no estado em que se encontra é bom ou ruim?

VII) Há alguma solução ao problema do nosso declínio?

VIII) Qual sua opinião sobre a atuação do Eurico Miranda e o declínio da civilização vascaína?

Após ler a última pergunta

Hahaha, bom, isso daqui é uma sacanagem. Foi você que inventou isso? Qual é o seu time?

Sou Flamengo. Bem, pouco antes de vir para cá estava com um amigo meu a quem disse: "Vou me encontrar com meu professor de latim, que sabe muito sobre cultura, literatura... Vamos conversar sobre o declínio da cultura Ocidental - você sabe alguma pergunta para fazer?!". Ele me disse: "Bem, pergunta para ele aí o que acha sobre Eurico Miranda e o declínio da civilização ocidental!"

Eu acho muito engraçada essa pergunta sobre o Vasco... Eu nunca torci pelo Vasco da Gama, pois pelo lado do meu avô materno eu sou tricolor, entendeu... Mas o meu pai, que nem sabia a diferença entre um tiro de meta e um pênalti, quando alguém lhe perguntava qual era o time dele, ele dizia Vasco. O que nunca entendi, pois ele nunca foi a um único estádio de futebol!

Nunca?!

Nunca! Mas ele dizia Vasco... E, bom, o Vasco é um time respeitável, é tudo que eu posso dizer... Um time muito respeitável. E o Vasco foi basicamente o time que mais jogadores deu à seleção brasileira em 1950, em que o Brasil perdeu no último jogo para o Uruguai. Eu vi esse jogo. Eu tinha 10 anos, era menino, estava em Petrópolis - numa época em que não havia televisão. Ouvi pelo rádio: os jogadores brasileiros estavam convencidos de que já haviam ganho a Copa do Mundo; só faltava aquele último jogo. Então eles entraram em campo com faixas de campeão e saíram sem elas.... Dura lição, né? Foi o Vasco da Gama que fabricou o núcleo daquela seleção, a qual tinha grandes jogadores... Mas isso eu vim saber depois de adulto velho... Mas e seu amigo, qual o clube dele?

Boa pergunta... Acho que ele é Vasco. O que eu disse a ele na hora é que "acho que meu professor é fluminense. Ele nem deve conhecer Eurico Miranda..."

Eurico Miranda?! Meu Deus do Céu! É claro que eu conheço! Uma vez pelo menos eu cortei o cabelo ao lado dele no mesmo salão ali na rua Santa Luzia, e tenho outra história muito melhor: um amigo meu da turma de colégio do seminário menor que é vascaíno ...

Pachá desata a gargalhar

...Ele me contou que escreveu inclusive um conto sobre isso: que uma vez viajou de São Paulo pro Rio num avião com um único passageiro além dele: Eurico Miranda! E ele, sendo vascaíno, odiava o Eurico, então escreveu um conto narrando a oportunidade perdida de trucidar Eurico Miranda e ninguém iria saber... História engraçadíssima.

Hahaha... Essa história foi quando, Pachá? Foi há mil anos atrás?

Foi no primeiro livro dele; depois disso, escreveu outros livros e eu fiz a revisão final em todos eles... É um rapaz de grandes talentos para inventar histórias. De profissão, sabe o que ele é? Bom, ele é arquiteto formado, mas ele sempre trabalhou como trabalhador visual; planejamento visual de coisas... Agora deve estar aposentado. Mas ainda trabalha, ainda trabalha... Muita gente boa, que não é afilhado de deputado ou deputada, continua trabalhando - como este seu amigo aqui. Bom, eu gosto de trabalhar; e também, eu preciso trabalhar. Creio que o mesmo se dá com o meu amigo Ivan. Ele trabalha até hoje. Quando estava em atividade com a firma dele funcionando, fazia trabalhos por todo o Brasil, viajava muito... Fazia planejamentos visuais de firmas, de escritórios... isso para mim é pior do que grego, por que com grego eu me viro!

Mas menino! Em primeiro lugar, eu não sei se vou ter a resposta adequada para as perguntas, mas estou disposto a enfrentá-las, tá bom?

Perfeito! A primeira pergunta que eu tinha para te fazer era "o que é cultura", pois lembro-me que já conversamos sobre isso longamente...

Eu devo ter mencionado um escritor francês, Émile Henriot, que deu uma resposta genial: cultura é tudo que fica depois que você esquece o que aprendeu. Depois que você esquece tudo o que você aprendeu, o que fica é a cultura, o resíduo. Com "tudo que você aprendeu" ele estava evidentemente se referindo antes de mais nada ao ensino formal. Ao ensino formal que se aprende no ginásio, no colégio, no ensino médio, na faculdade... Cultura é o que fica. É o que você absorveu sem perceber que estava absorvendo e ficou em você porque te interessava.

Então é algo quase que subconscientemente, como um hábito, você diria?

Não necessariamente subconsciente... É algo que emerge quando solicitado... Há muitas coisas - e isso vale para mim, vale para você, vale para qualquer pessoa em geral - que você aprende, que ouve, que vê no

cinema, na televisão, em conversa com amigos... E depois esquece. E, no momento exato, essas coisas emergem quando tem cabimento emergir. São o que Henriot chamava de cultura. Talvez você esteja pensando [agora] em cultura no sentido antropológico da palavra.

Quando penso em cultura, penso... Naquela parte mais, quem sabe, transcendental do ser humano, os trabalhos do espírito.

Sim, sim; também é isso. Mas a primeira distinção que nós temos que fazer para deixar bem definido e depois não voltar mais no assunto é cultura neste sentido - as coisas que nós absorvemos e que importam para o ser humano são expressão de uma civilização ou uma modalidade de civilização... Mas há dois conceitos de cultura. Um é o conceito geral que todos nós sabemos mesmo sem saber definir; outro é o sentido antropológico - a cultura Yanomami, por exemplo. Nesse caso, são os valores de toda natureza social, de sobrevivência, de religião, de costumes. Que aquele grupo étnico, como os Yanomamis (ou qualquer outro grupo social) detém. Estou dando exemplos [que] brasileiros [entendem], mas isso vale para a nossa cultura também - a minha e a tua. Qual é a nossa cultura [brasileira]?

Jogar jogo de futebol!

Sim, sim, é isso. Mas nossa cultura - aquilo que a gente sabe que está aqui, *up here*, no qual não pensamos [conscientemente], mas que emerge a cada passo do nosso comportamento, nas nossas escolhas... É a cultura. A cultura ocidental genérica que abrange muita gente diferente. E depois, em cada lugar que estamos, em cada meio, em cada nação, e, mesmo, em cada estado da federação, essa cultura inconsciente vai se manifestando de formas diferentes. Pense só por um momento naquele comportamento estereotípico do gaúcho, por exemplo; pense, também, no comportamento de um pernambucano. Somos uns e outros, mas todos brasileiros.

Você diz, então, que são culturas diferentes?

Sim, mas como subculturas diferentes, se você quer falar do caso brasileiro. No Brasil, você pode falar da subcultura pernambucana, da subcultura riograndense... Não me peça para definir o costume de um gaúcho ou de um pernambuco, por favor; mas todo mundo sabe que são bichos diferentes.

Entendo. Então, seguindo nessa linha, você está colocando que, de um lado, temos uma cultura mais transcendental, mais próxima do

sentido de "alta cultura", e outro sentido que se remete ao conjunto de costumes e hábitos e tradições e maneirismos e...

Sim. Olha... É uma coisa incrível. Incrível como essas coisas se manifestam mesmo num contexto único. Quando estava eu lá nos Estados Unidos, na Universidade da Califórnia, eu tinha durante um período um *roommate*, isto é, dividia um apartamento com outro estudante. Ele era de um daqueles países do norte da Índia... Daqui a pouco eu me lembro[1]. Era um país de religião budista. Ele era de cultura oriental, de olhos maios ou menos puxados, e um dia apresentou-me uma colega dele da mesma etnia. Conversamos um pouco e, na hora de despedirmo-nos, naturalmente fiz o que eu faria com qualquer outra moça, colega ou amiga aqui no Rio - fui beijá-la! Resultado: ela teve uma reação como se estivesse prestes a ser violada. Isto é cultura. Melhor, isso são culturas: a dela e a minha. Estou dando este exemplo por ser absolutamente insólito, penso eu; mas isso (insólito) é uma expressão de Portugal...

E em qual conceito de cultura você insere este exemplo?

Este conceito de cultura que mencionei agora chamaria de *lato sensu*[2] ou de conceito antropológico.

E como você chamaria o outro, Pachá? Não ficou muito claro o que seria cultura na outra acepção, que seria do trabalho mais voltado para o espírito e o intelecto.

O outro, meu caro amigo, são as coisas que você absorveu de assuntos ou disciplinas - se quiser - objetivas. As coisas que aprendeu fora de sala de aula, vendo filmes, lendo livros, conversando e assim por diante.

PARTE II

Aí que está: parece que no Brasil, tanto no caso à esquerda [sentido antropológico] quanto no caso à direita [conhecimentos "inconscientes"], poderíamos dizer que o Brasil passa por sintomas de uma cultura de má qualidade - uma cultura de corrupção, de promiscuidade... Produções como o funk acabariam caindo nessa categoria [de má cultura]?

Sim, cultura de má qualidade que está sendo... Hm... Pedro!, pensa só nisso: quando nasci em 1940, portanto há mais de 80 anos, como é que se divulgava a cultura no Brasil - a cultura *lato sensu* que estamos abrangendo sobre esse rótulo? Jornal, rádio - em menor grau -, escola e estabelecimentos de ensino, toda a gama deles (que a menor parte da população frequentava) e, por fim, livros. E hoje, como a cultura se divulga?

No Facebook, mídias sociais...

Que mais? Tem muita coisa.

A internet, a televisão...

Televisão. O que mais?

Bom, a televisão já é da sua época, não é? Mas o que não falta hoje em dia são *banners* espalhados pela cidade também e *banners* digitais espalhados na internet.

Sim, *banners* e posters! Continue.

A princípio, esses seriam os novos meios de cultura que o mundo moderno trouxe. Principalmente isso. Todos os meios de comunicação digitais são de longa distância e de fácil compartilhamento também.

Os fenômenos de natureza cultural (insisto, *lato sensu*) abrangem um número incomparavelmente maior de pessoas que abrangiam há 50 ou 80 anos atrás. Em linhas gerais, a cultura brasileira continua a mesma. Os brasileiros continuam improvisando as coisas, continuam fazendo coisas sem perseverança... Sim, continuam acreditando [em alguma coisa], mas continuam acreditando mais em dar um jeito [, em fazer um remendo, um quebra-galho,] do que em fazer um esforço honesto e metódico de absorver uma coisa e depois outra, e outra, e assim por diante...

Então na sua opinião, o Brasil não mudou tanto?

Eu só posso falar da minha experiência, Pedro.

Por favor, fale dela, Pachá, haha!

Não acho [que mudamos]... Nós somos a mesma canalha que sempre fomos. E entenda isso *cum grano salis*. E nós somos.

Mas parece que houve uma certa perversão, não acha? Mas, mesmo assim, aí que está... Lembro-me da vez que um amigo meu me contava sobre o livro de memórias do General Mourão... -

O general Mourão, que estava comandando Juiz de Fora?! Sim, eu o conheci pessoalmente. Mas isso é outra história para discutir...

Que interessante! Eu só faria um exemplo de uma de suas memórias de seu livro para fazer o ponto que eu queria. Uma delas era que ele estava num churrasco com Getúlio Vargas, sabe, totalmente informal... Era uma daquelas histórias muito em *off* que ninguém imagina que o Getúlio Vargas, imponente, tomaria parte. Acho que naquela época ele já era ditador. E aí, em determinado momento, apareceu uma mulata lá, toda atraente e... E aí o Getúlio Vargas ficou doido por ela e falou: "Não, a senhora tem que ir pro Rio de Janeiro, você tem!" E ele vinha para lá, pra cá...

Hahaha... O Getúlio é engraçado. E aí? E aí?

E aí ele estava meio embriagado... Nisso, o General Mourão se aproximou dele e disse: "Então é verdade, presidente, que você prefere o carvão nacional do que o estrangeiro?" No que Getúlio responde: "É que o nacional queima melhor." E paro aí a história.[3]

Hahaha! Quanta graça... E é surpreendente. Porque a gente pensa no Getúlio como o homem que teve esse país na palma da mão durante 15 anos ininterruptos. Sim, eu nasci durante o Estado Novo, a ditadura, a ditadura declarada, na qual não havia nem Legislativo nem Judiciário: havia-o até onde o Executivo permitia.

Pois bem, eu estou contando essa história toda porque quando você falou que o Brasil sempre foi a mesma coisa e... quando você disse isso lembrei dessa história de Getúlio Vargas, aquele que ainda por cima foi a cabeça do país durante tanto tempo; o que mostra que sempre teve por aqui esse quê de um germe, meio de, quem sabe, essa promiscuidade, por assim dizer... Essa malemolência meio brasileira, né, de forma geral...

Pedro, como é que você acha que os portugueses povoaram este país?! Você já viu o tamanho do Brasil?! Em 1822, a população não era o que é hoje, mas o Brasil tinha brasileiros desde lá na pontinha do norte até o sul. Como é que os portugueses povoaram? Primeiro com um bom número de índias à disposição, então vou começar por aí; a este bom número de índias somou-se um bom número de jovens escravas africanas ou até afrodescendentes nascidas aqui.

Havia uma musiquinha de carnaval, uma marchinha, da qual só me lembro de um verso... O estribilho era assim : "Quem foi que inventou a mulata? Foi seu Cabral, foi seu Cabral!" Você conhece? Pois é, isso também é sociologia. Claro, sociologia de molecagem, mas não podemos esquecer que, com molecagem ou sem ela, os portugueses deram uma poderosa contribuição para o Brasil. Primeiro, povoando-o, e, segundo, para que fosse um país predominantemente mestiço. O que é natural [que acontecesse], não é?

Sim. Então, de certa forma, pelo menos o país não mudou tanto assim. Mas acho que o Brasil sempre foi um país promíscuo nesse sentido, porque hoje em dia tem um ar muito pesado, de promiscuidade, sabe?

Amigo, eu não saberia te dizer... Porque para dar uma resposta adequada, precisaria estar a par do problema, não apenas de oitiva, mas de leitura, de reflexão, do que fosse, de conferências na Fundação Getúlio

Vargas - que também se aprende lá -, essas coisas.

É claro que, dada a nossa natural informalidade, eu acho que se acentuou mais ainda, em virtude da abundância de meios de comunicação coletiva - a começar pela televisão e pelas novelas - a informalidade brasileira é um fato. Todos nós, brasileiros, reconhecemos isso, não é? Mas quer dizer, a promiscuidade tem muitas consequências... Entre elas, obviamente, consequências sexuais visíveis. Mas isso só não sei se explica tudo, Pedro.... Sabe como é?

Acho que sei o que você está querendo dizer. Parece que, apesar do Brasil ter um espírito muito malemolente assim, meio carioquista...

Meio carioquista não: meio irresponsável!

Sim, sim! Eu acho que há um quê de ingenuidade com irresponsabilidade [tipicamente brasileiras], que talvez não seja muito ruim por si mesmo... Mas, analisando esse fenômeno [maior], ele não é um caso isolado, mas mundial, de uma promiscuidade latente, venérea...

Sim, isso é um fato geral, mas vai haver diferenças. Imagino que na Arábia Saudita não há promiscuidade como nós temos aqui e no Brasil, por exemplo - e estou dando o exemplo da Arábia Saudita porque é uma coisa extremada. Mas é claro que aqui no Brasil há muita facilidade; muita facilidade para duas pessoas irem para a cama e assim por diante. Mas há outras coisas também. Na nossa cultura há muitas coisas. E eu digo mais, Pedro, eu acho que você provavelmente está mais capacitado do que eu para enumerar, até pelo tipo de estudos que você faz.

Enumerar o que, exatamente?

Alguns traços muito óbvios da nossa cultura brasileira e do nosso comportamento de brasileiros.

Sim, é bem perceptível mesmo, ainda mais quando você se encontra com o gringo, né?

Deixa eu te perguntar uma coisa: comparando com os europeus, por exemplo, você não acha que os brasileiros são naturalmente muito mais hospitaleiros?

Sim, eu acho que sim. Nós brasileiros somos muito mais alegres que os europeus de forma geral, eu diria. Parece que o português é meio melancólico, frio...

Não. Os portugueses são muito mais formais do que nós. Mas muito

mais. Eu estudei lá por 18 meses, conheço bem Portugal e fiz muitos amigos. Bons amigos, que conheci de perto, entende? Eu já te contei um exemplo, não contei? Uma coisa tão típica... pois bem, pouco depois de ir para Lisboa, conheci, numa reunião de alunos da Faculdade de Letras onde estava, um rapaz que cursava Letras e de boa família - boa família, quer dizer uma família de posses, de bens. A bondade aqui não é necessariamente uma bondade, uma bondade de sentimentos, haha, que também havia, mas... Quando a gente diz de boa família, dizemos uma família de posses e de tradição também. Também não é porque muitas pessoas adquirem posses repentinamente [que são de uma boa família], mas naquele tempo não havia tantos assim [os que tinham muitas posses]. Enfim, fato é que nós nos conhecíamos e nos dávamos; relativamente pouco tempo depois, ele me convidou para jantar na casa dele.

Ele morava num bairro novo, numa área de Lisboa de classe média alta. Fui jantar na casa dele e vesti um terno e uma gravata. E fui. Bom, meu caro amigo, você já viu em filmes aquelas mesas para banquete com três ou quatro jogos de talheres diferentes de cada lado e cálices e o escambau? Tinha tudo lá. E eu me saí muito bem. Sabe porquê? Porque eu tive um avô chamado Álvaro de Carvalho que nunca me deu colher de chá na mesa. Ele era como quem dá aula dizendo coisas assim: "Limpe a boca no guardanapo antes de beber água! Sente com o rabo (quer dizer, em vez de ficar na cadeira, como eu estou agora, sentar-se assim)!" E estou dando apenas isso como exemplo, podia ter pegado "N" outros...

O fato é que eu passei no teste. Soube depois que a senhora, a mãe desse colega meu, tinha ficado encantada comigo e na segunda vez que estive lá ela disse: "O Sérgio vem aqui sempre que quiser, seja ele sempre bem vindo"... E "Sérgio" sou eu: sempre havia uma ou outra maneira de referir-se a mim, e todas elas eram formais.

Por que eu estou falando disso, meu amigo? Porque você trouxe o tema "portugueses". De todos europeus que eu conheço, os mais próximos de nós, é óbvio, são os portugueses. Mas há diferenças. E nestes há uma grande. Pois o português é naturalmente mais formal do que nós. Assim, nesse jantar, eu não recebi um convite escrito "traje à rigor" ou "traje de passeio completo". Eu sabia perfeitamente como eu deveria estar vestido para ir a primeira vez num jantar de uma família que eu não conheço. Mas isso também, meu caro amigo, sabe há quanto tempo foi? 1967.

Foi há 60 anos. 60 anos atrás...

Foi há mais de meio século atrás.

Eu tinha 27 anos. Agora, tenho um pouco mais.

PARTE III

Bom, definimos o que é cultura e falamos rapidamente sobre seu estado no Brasil. Mas eu queria saber, então, se essa dada cultura que nós brasileiros temos está em declínio ou não. Porque parece-me que, mesmo nesses sentidos que você falou, a cultura está em decadência... Porque havia, sim, a tradição passada pelos antepassados, os costumes... E de uns tempos pra cá, nos últimos 100 anos, com uma acentuação maior nos anos 80, parece que esses costumes como que atemporais foram cada vez mais sendo diluídos, diluídos, diluídos... Por coisas da moda, dos Estados Unidos, que passam na televisão, que passam nos filmes, na mídia... Foram substituídos por algo muito inferior.

Eu, instintivamente - com instintivamente quero dizer sem nunca ter refletido sobre isso -, acho que você está coberto de razão. Coberto de razão.

Você diria?

Sim. Você nos levou agora de volta ao exemplo do meu avô. Aquele comportamento era a mesma coisa em todo lugar no tempo em que eu estava crescendo. Isso era um fato que qualquer família que tivesse alguma tradição de família levava no sangue; não precisava ser uma família de grandes posses. Era uma tradição de comportamento. Era um

comportamento que vinha do avô, do bisavô, do tataravô e assim por diante.

Vou te dar outro exemplo: eu já conheci o meu bisavô, o pai da minha avó materna. Ele viveu muito e era um senhor nascido em 1858. A adolescência dele foi na década de 70, momento em que a propaganda republicana estava começando a se espalhar pelo Brasil. Tomando como comparação, Dom Pedro II subiu ao trono aos 16 anos, em 1820. Por exemplo, de 1824 para 58 são 30 e poucos anos. E é, Dom Pedro II ainda teria 19 anos para reinar. Mas voltando ao fio, a educação de meu avô muito provavelmente tinha sido ainda mais rigorosa do que a minha, que foi rigorosa também. Mas meu bisavô... Bem, uma vez, quando eu era garoto, estava sentado na frente dele, com a perna direita repousando, isto é, o pé direito, repousando mais ou menos assim no joelho esquerdo: ele me repreendeu por estar mostrando as solas do meu sapato. Parece uma frivolidade, né? Mas ele fez aquilo sério, como quem diz "Meu filho, isso nós não fazemos!". Ele não disse de maneira afetuosa. Ele o fez simplesmente da forma daquele que informa que aquilo não é maneira de sentar. Havia mais rigor. Não tome isso necessariamente como um juízo de valor [anacrônico], como poderia até ser, mas quero dizer que havia um rigor numa série de coisas espantosas que não existe hoje em dia. Entendeu?

Vou te dar um outro exemplo. Vamos supor que a mãe de um amigo seu te convida para jantar. No dia seguinte, você envia rosas ou flores ou o que for. Entendeu? Você manda entregar flores na casa dela com um cartão de agradecimento. Isso, eu acho que não se faz mais; no meu tempo se fazia. (...) Quando eu tinha a sua idade, isso era de se fazer.

Então você concorda, por exemplo, que há uma ruptura?

Não diria ruptura, Pedro. Eu diria afrouxamento. Afrouxamento, entende? Por exemplo, se eu soltar muito o meu cinto, as minhas calças caem! Afrouxamento nesse sentido. Não no de cair as calças, mas você entendeu...

PARTE IV

Pachá, há diferença entre cultura e civilização?

Meu amigo, a civilização é muito mais abrangente.

Se quiser, você pode elaborar.

A cultura, eu diria, ou melhor, as culturas, são subformas de uma mesma civilização. Veja por exemplo, (se eu estiver errado, corrija-me)... Em termos de civilização, hoje em dia, os japoneses, embora estejam do outro lado do globo, são parte da civilização ocidental. No entanto, a cultura japonesa é incomparavelmente outra em relação à nossa. A cultura nepalesa também.

Vou te dar só um exemplo banal. A primeira vez que eu fui visitar Nova York com a minha namorada americana, (nós estávamos em Nova York apenas de passagem) fomos visitar um casal de japoneses que eram amigos dos pais dela. O rapaz, quando era estudante do secundário ainda, ficou hospedado na casa deles durante um ano; e era amigo mesmo. Então a Kristen, a minha namorada, e eu fomos convidados para jantar. Morava num apartamento fora de Manhattan. Quando chegamos, antes de entrarmos na casa, tiramos os sapatos - eles não entravam de sapatos dentro de casa. Foi uma sensação estranhíssima andar de meia; mas isso,

eu chamaria, no caso, de a subcultura dos japoneses; neste ponto, totalmente diferente da nossa.

Então você acha que o Brasil e Portugal compõe uma mesma civilização com culturas diferentes?

De uma maneira muito mais atenuada, Pedro; muito mais atenuada. São variantes da mesma cultura.

Mas aqui no Brasil quase não nos lembramos de Portugal...

E é um grave erro. Um grave erro, porque as afinidades são muito maiores que as diferenças. Uma vez eu escrevi: "O Brasil é Portugal na América." Em certo sentido, é.

Vou te dar um exemplo que eu não sei se vai servir para você, mas é a expressão da verdade: eu jamais me senti estrangeiro em Portugal. Eu viajava com passaporte brasileiro. Sou brasileiro. Nunca deixei de ser brasileiro pelo fato de estar lá. Mas eu jamais me senti estrangeiro em Portugal. Eu sabia simplesmente ser um cidadão brasileiro, um brasileiro não é um estrangeiro - ou até pouco tempo atrás - nunca foi um estrangeiro em Portugal. Você tá entendendo?

Eu entendo perfeitamente. Sim.

Eu vou até contar uma coisa engraçada que aconteceu comigo: uma vez eu entrei no supermercado em Lisboa e... perguntei qualquer coisa à empregada, uma coisa que eu estava procurando e não achava. Mas ela não entendeu. Eu disse de novo. Ela não entendeu, eu disse de novo. Mas em vez de dizer que não entendia, pela segunda vez, ela virou para uma colega de trabalho que estava no fundo do mercado e gritou:

"Ô Maria!! Anda cá ver o que está a dizer este estrangeiro!!"

Foi o pior insulto que ouvi em minha vida em Portugal. Não é brincadeira não.

Eu admito até que, por mais estranho que pareça, muitos jovens, de tiragens muito recentes [sic], muito, muito novinhos, com um ensino depravado que receberam nas aulas de História do Brasil, acham que os portugueses vieram aqui para nos pilhar. Como é aquele outro verbo? Ah sim, para nos espoliar. O ouro do Brasil, o famigerado ouro do Brasil... Os quintos do ouro, quer dizer, a quinta parte do ouro coletado após sua extração no Brasil não é nada comparado com tudo que Portugal nos deu; não é nada. Portugal nos deu a língua portuguesa, a língua de Camões;

Portugal nos deu a nossa religião; deu os nossos valores; deu um país íntegro... Olha para a América do Sul!, olha para a América Hispânica!, o resto da América que não é a América portuguesa! Fiquemos só na América Hispânica, que deve ter mais de 20 países fracionados: nós somos um. Nunca nos fracionamos. Houve tentativas aqui e acolá no Rio Grande do Sul, em Pernambuco, mas jamais houve um fracionamento. Só isso não tem preço, meu amigo.

Eu tenho uma consciência muito aguçada da nossa contiguidade, da nossa consanguinidade com Portugal, apesar de todas as diferenças que nos separam de Portugal, que eu as conheço muito bem e diferenças essas criadas por portugueses. Os portugueses que iniciaram a miscigenação: quer com aborígenes quer com africanos. Nós somos um povo miscigenado. Mas eu diria que a matéria prima de que nós somos feitos é portuguesa.

Perfeitamente, Pachá. E você diria que o ensino formal brasileiro...

Eu diria que o ensino formal brasileiro não só procura obscurecer isso, mas procura aviltar, ao dizer que os portugueses vieram para nos espoliar. Espoliaram o cacete! Eles levaram o ouro?, levaram! Mas uma coisa que não pode ser esquecida é que quando levaram o ouro do Brasil no século XVII, XVIII, o Brasil era literalmente Portugal. Eles não estavam roubando nada. Estava transportando de uma parte do Reino de Portugal para outra. O mesmo rei que reinava lá reinava aqui. Eu vou te dar mais um último exemplo: um rei que é tão caricaturizado, *tão* caricaturizado como foi Dom João VI, um homem com uma visão de estadista extraordinária, quando ia embarcar de volta para Portugal, disse ao seu filho: "Pedro, se for necessário, lança mão desta coroa antes que algum aventureiro o faça." E foi o que Pedro fez. O que está por trás da nossa independência formal? Dom João VI, por incrível que pareça, sim. Marido de Dona Carlota Joaquina - corneado por Dona Joaquina - que era uma mulher sem princípios, uma mulher que jamais honrou o marido, a família e o sangue dela, que era de sangue real, mas se comportava como [se sabe.]

PARTE V

Gostaria de perguntar um pouco mais sobre o ensino formal. Você acha que o ensino formal brasileiro foi um dos contribuintes para a separação não apenas política, mas cultural de Portugal com o Brasil? Parece que hoje em dia o ensino formal cada vez mais insiste em separar o Brasil de Portugal, como se esse fosse um vilão.

Eu penso que sim. Eu penso que sim e não só no ensino da História do Brasil, também no ensino da língua portuguesa. Há tarados que ensinam que nós falamos línguas diferentes. Isso é um erro crasso. Não estou dizendo nem do ponto de vista político nem do geográfico, mas do ponto de vista linguístico é um erro crasso. Vou te dar o exemplo que você vai entender. Você já ouviu o francês falado no Canadá? Não por uma pessoa culta, de cultura razoável, mas uma pessoa normal, por exemplo, o dono de uma mercearia: você já ouviu?

Não.

Às vezes é difícil de entender. E olhe que eu falo francês fluentemente desde a adolescência. Mas é a mesma língua que se fala na França; porque o francês do Canadá, como o nosso português do Brasil, é um francês arcaico em relação ao francês da metrópole, de Paris, como queira chamar. Pedro! Por que nós pronunciamos todas as vogais e os

portugueses dizem *perrc-berrrr* e por aí vai?

Porque nós aprendemos com eles a falar desta forma.

Exatamente. O que nós falamos é o português que nos ensinaram os homens que nos descobriram. Esse negócio dos portugueses engolirem a vogais átonas, pretônicas e pós-tônicas é uma invenção deles de agora, do século XVIII, segunda metade, provavelmente. Algo análogo se passa em Quebec. O francês - eu nunca estudei de perto o assunto, mas eu sei que é; não, mais do que isso, eu sei que tem de ser - o francês falado em Quebec é o francês que eles aprenderam no século XVIII, ou antes até, talvez um pouco antes, compreende? Agora, não é a pronúncia do francês ou a predominância de uma preposição sobre a outra... Os portugueses, por exemplo, dizem "Vou à padaria, vou ao cinema." Nós podemos dizer "vou à padaria" ou "vou na padaria", "vou ao cinema", ou "vou no cinema." E de onde saiu esse "no"? Os portugueses de 500. [Isto é, 1500.]

Mas muitos professores de português ensinam que o "no" é inadequado... Dizem: "Eu vou no banheiro só pode ser usado se já estiver dentro banheiro", etc.

Isso são os portugueses de 500, isso vem do latim, meu amigo; você sabe perfeitamente que a preposição usada... Há duas preposições usadas no latim com verbos de movimento: o *ad* e o *in*, com uma pequena diferença semântica. "*Eo ad Fluminem Januarii*" é "Eu vou para as cercanias do Rio de Janeiro." Agora se você disser com *in*, vira "Vou ao Rio de Janeiro." Mas isso são coisas que se perdem na prática. Entretanto, o Brasil conservou a preposição "em" com verbo de movimento porque ela era usada na época em que nos descobriram. Isso também não surgiu do nada. Não quer dizer que a preposição "a" não se usava; usava-se. Basta abrir Os Lusíadas que você vai ver. Mas o "em" também se usava. Há vários exemplos de Camões num texto que eu escrevi chamado "Como falamos português". Mas enfim, hoje em dia há essa campanha ignóbil e falsa de querer pôr o Brasil de costas para Portugal. Eu considero isso um crime de lesa-pátria, pois o que nós devemos a Portugal não é pouco, meu amigo.

PARTE VI

Agora focando mais no sentido de civilização e em cultura: a gente está falando aqui sobre cultura mais como se fosse um algo que depende de uma civilização maior. Então, por exemplo, temos uma civilização maior que dá as bases ou as raízes das culturas. E por cima, como ramos, essas culturas vão se divergindo e possivelmente crescendo, e crescendo criam outras subculturas e... Tem um pensador, o Oswald Spengler, que foi...

Não foi ele que escreveu a Decadência do Ocidente?

Esse mesmo. E ele coloca a cultura como um dos primeiros momentos em que um povo decide, de forma inconsciente e durante um longo período de tempo (não sendo a rigor guiado) criar uma série de valores que, pela primeira vez, estão passando a vigorar. Então, a cultura seria como o primeiro momento que, temporalmente falando, esses valores começam a surgir. Seria portanto a infância daquele povo, por assim dizer...

Deixa eu te perguntar uma coisa sem interromper, na sua opinião, onde é que está a infância da nossa cultura? Portugal? Muito atrás, meu amigo; muito, muito, muito mais para trás. Foi na Grécia; a começar pela palavra democracia, que não é portuguesa nem japonesa: é grega.

Isso aí está absolutamente certo, ainda mais pelo que eu vou falar agora. Spengler coloca a cultura como esse momento de infância e a civilização como um momento de inverno, de envelhecimento, no sentido de que todas as ideias que aquele povo poderia colocar no papel ou na prática, como se queira dizer, já foram postas; todas as ideias já foram colocadas ali; e, agora, é apenas um período de manutenção em que as ideias se enrijeceram e basicamente viraram, de certa forma, um fóssil. E depois da civilização vem apenas o período de decadência, uma espiral de decadência. Então, recomeça um novo ciclo: outras pessoas e outros povos criam uma nova cultura e inicia-se o ciclo novamente. O que é que eu tenho a dizer disso? O que eu tenho a dizer é o seguinte: nós estamos em um período de decadência civilizacional, ainda mais levando em conta, por exemplo, as investidas do Islã na Europa e dos globalistas e modernistas. Modernistas, ainda por cima, pela sanha de tentar apagar tudo e começar do zero. A civilização brasileira ou a ocidental como um todo estão nesse declínio que mencionei? Oswald Spengler, por exemplo, coloca que a civilização greco-romana acabou; depois disso, nós achamos que estamos falando das mesmas coisas que eles, mas não estamos: só porque pegamos os nomes de uma ou outra instituição que eles usavam, não necessariamente estamos dando os mesmos significados a essas coisas que eles davam em sua época.

Isso é um desatino [as tentativas dos globalistas e modernistas]... Digo desatino de ser uma coisa alucinada mesmo. [Sobre o que disse Oswald Spengler], eu entendo perfeitamente... Perfeitamente. Ele está certo. Mas como diria meu professor de latim, Gladstone Chaves de Mello, que era mineiro: a coisa fia mais fino. Você conhece essa expressão? Há mais sutilezas... Mais sutilezas quando se trata desse juízo, por exemplo... Evidente que eu não tenho gabarito para discutir com Oswald Spengler. Mas o que eu vejo é que a civilização mudou muito, muitíssimo, desde os tempos clássicos passando por aquela época de imensa expansão que foi o Império Romano - inclusive a América, a nossa América, foi povoada por remanescentes do Império Romano, a começar pelos portugueses e espanhóis e a terminar pelos anglo saxões.

Mas em relação ao declínio: é claro que as coisas mudam. Mas eu acho que...

Há uma certa linha de continuidade.

Exatamente. Uma certa linha de continuidade. E vou te dizer outra coisa que estou me lembrando agora e que, no entanto, é essencial. Eu já

devia ter pensado antes. A civilização helênica [e romana] não é só aquela espalhada por grande parte da Europa [ocidental] - os romenos, por exemplo, são do sul da Europa Oriental, sim, mas falam uma língua latina como nós. Mas não foi apenas isso. Uma outra coisa importantíssima [aconteceu] para unificar nossa cultura ou a maior parte das culturas em uma civilização: o cristianismo.

Você acha que o cristianismo foi a argamassa da Europa para unir todas as culturas?

Não tenho a menor dúvida.

Eu vou te dar uma analogia: Erasmo de Roterdã, que é holandês de nascimento, foi o mestre de toda a Europa Ocidental. Ensinou em vários lugares, inclusive em Oxford. E Erasmo podia estar... podia estar em Amsterdã, podia estar em Oxford, podia estar na Itália (onde eu não sei se ele chegou a ir, talvez tenha ido), na Suíça, onde ele morreu... Mas ele estava sempre em casa. Tanto pela língua, quanto pela religião. A língua que ele falava com todos os seus pares era latim: falava e escrevia. E a religião dele era católica romana. Isso já numa época de reforma (ele foi contemporâneo de Lutero) e Lutero odiava Erasmo porque [esse] não deu adesão [àquele]. E uma vez eu vi uma coisa inteligentíssima no livro do Huizinga, filósofo da história holandês, cujo título é "A Crise da Civilização Europeia". Tenho impressão que eu li em francês, mas isso é o de menos. Lá pelas tantas, falando das tentativas de Lutero de cooptar Erasmo, diz Huizinga que os dois não eram feitos para se entender: porque Lutero era do tipo que, se não é branco, é preto; e, se não é preto, é branco; e o Erasmo, inevitavelmente, iria dizer: "Mais voyons, cher docteur: gris?"... como se Erasmo estivesse dizendo: "Venha cá, meu caro doutor: entre branco e preto não há o cinzento?"

PARTE VII

Tenho mais uma pergunta a fazer: a civilização ocidental está talvez numa renovação, por assim dizer, tendo em vista que já passou por vários ciclos anteriores?

Penso que sim. Eu não estou dizendo isso para dar uma de Pollyanna, até porque Pollyanna é uma personagenzinha medíocre, aquela menina do Jogo do Contente, sabe? Tá chovendo esterco e ela encontra um lado positivo na chuva que cai; não, não é por aí. Eu tenho a impressão que a nossa civilização, a nossa cultura ocidental mais precisamente, se renovou em épocas imensamente críticas. Pense, por exemplo, o que foi quase toda a Península Ibérica de baixo poderio do arábico durante cerca de oito séculos. Não conseguiram. Não conseguiram e pouco a pouco tanto os de Castela... Estou falando de Castela porque era o reino hegemônico do lado da Espanha mas havia outros reinos e possessões que acabaram se unificando sob a coroa de Castela, mas isso é outra história... Enfim, mas os árabes não conseguiram. A reconquista começou e acabou quando Sancho II de Portugal conquistou o Algarve, a extremidade sul de Portugal, pouco depois da fundação do Reino de Portugal, pelo pelo avô dele, Dom Afonso Henriques; avô não, bisavô dele.

Creio que o que você quer dizer é: está aí há tanto tempo, já passou

coisa tão pior... Não vai ser hoje que vai acabar. Não é o Facebook que irá acabar com a civilização ocidental.

É por aí. É exatamente por aí. A cultura ocidental tem um hardcore que resiste a todos os facebooks da vida e outras *cositas más* que possam inventar por aí.

PARTE VIII

Bom, eu tenho uma última pergunta, a pergunta final: qual seria a solução? O que resolverá a nossa crise civilizacional e cultural?

Não sei, Pedro. Sinceramente não sei. Você sabe?

Olha, eu creio sinceramente que a solução é mais religiosa do que cultural, por assim dizer. Porque parece que nós já temos muitas boas ideias para trabalhar. O problema é que parece que não existem pessoas com thumos (do grego), com vigor, ou muito menos pessoas com moralidade e santidade suficientes para tirar a gente do ponto onde nós estamos. Então acredito que talvez não seja o caso de que temos de ter uma profusão de intelectuais para salvar o Ocidente; eu acho que temos de ter uma profusão de santos. Óbvio que eu estou no campo de batalha da intelectualidade, mas...

Sim, mas o que você está dizendo tem um sentido enorme.

Bom, pelo menos é isso que eu acho. Óbvio que tem muitas pessoas que precisam [do auxílio de uma intelectualidade]... Por exemplo, eu acho que eu tenho a missão de tentar resgatar o maior número de cérebros que me for possível dos muitos perigo do mundo atual, [da forma que me é própria], mas acho que, no fim do dia, quem

vai resolver mesmo isso serão os padres, os bispos, as freiras...

Eu já ouvi uma frase de São João da Cruz: no final da vida seremos julgados no amor. Isso envolve o que você acabou de dizer, pelo menos quando se trata de religião cristã. Aquela definição de São João, do Apóstolo São João... Ele não disse que Deus é um geômetra. O que ele disse naquela epístola dele? “Deus é amor.” Não estou me desfazendo da geometria, de modo algum. Mas não é a geometria que salva a nossa civilização.

É exatamente isso que eu quero dizer. Você pegou perfeitamente a ideia. É exatamente isso. Eu vejo muitas pessoas dando aula sobre artes liberais, sobre lógica, trivium, quadrivium, [sendo eu mesmo uma delas e...]

As artes liberais, a lógica, o trivium e o quadrivium estão aí há séculos e séculos. E, no entanto, nós chegamos a Auschwitz, em que milhares de seres humanos como eu e você foram mortos a frio porque eram judeus, porque pertenciam a uma etnia. Isso é de uma monstruosidade que eu não tenho palavras para uma coisa dessas. Isso aconteceu debaixo dos narizes de todo mundo que vivia entre 1933 e 1945.

Eu acho que, novamente, isso só pode acontecer no período de absenteísmo e de afastamento dos princípios da religião, para não dizer que na Alemanha, particularmente, tinha-se o plano de criar uma igreja [estatal] separada de Roma, para não dizer que ela estava em franco paganismo. Então entra nisso daí, né? No fundo, não vai ser o Trivium ou o Quadrivium que vão nos salvar: será o Evangelho.

Em termos de salvação, esquece o Trivium. Não estou me desfazendo do Trivium, estou falando de salvação.

A gente já se entendeu muito bem, Pachá! *We're on the same page!* Mas será que o Campeonato Brasileiro não vai ser o que nos vai tirar do declínio civilizacional, Pachá? Será que é isso que vai nos salvar? Haha

Não. O campeonato vai continuar sendo o campeonato. O Campeonato Brasileiro, se tivesse de acabar num ponto crítico, teria sido em 1950, depois do que eu te contei. Eles ousaram fazer uma vitória antes da vitória. Vitória que você comemora depois que ela acabou de ser conquistada.

Isso daí foi providencial mesmo.

Foi, foi; foi uma lição. Basta ver: eu tinha dez anos, hoje tenho 83;

foi há 73 anos.

E você se lembra até hoje! E o Brasil também.

E vai continuar a se lembrar e é bom que se lembre! É bom que se lembre porque foi uma daquelas lições que a gente não esquece. Apesar do futebol se entregar a todos os desmandos possíveis e imagináveis, né? Mas isso é outra história...

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Nepal.

[2] O professor Pachá usou, sem querer, o termo *lato sensu* tanto como sinônimo de antropológico (culturas como costumes e conhecimentos próprios de um povo, nação, etc), quanto para o sentido de conhecimentos semiconscientes que surgem naturalmente quando solicitados, podendo abranger as mais diversas áreas do saber. Note-se que, longe de serem conceitos antagônicos ou contraditórios, ambos abarcam mais ou menos o mesmo conjunto de saberes, com o caractere diferencial de que, em um, trata-se de cultura no sentido superestrutural, social, étnico, etc; enquanto, no outro, o enfoque está no indivíduo.

[3] O livro referido é o "Memórias: A Verdade de Um Revolucionário", de General Olympio Mourão Filho; 3ª edição, L&PM Editores Ltda. Essa história inteira está na "nota à margem" da página 103. Pouco depois disto, a Mulata foi internada na enfermaria por insolação, ao que o General Mourão reportou a Getúlio nas palavras: "Presidente, o carvão nacional queimou-se."



pleiade-leei.org